

# Viajar com Branquinho da Fonseca: a obra literária e fotográfica como recurso patrimonial para a valorização de um local

MARIA MOTA ALMEIDA, Investigadora do Instituto de História Contemporânea-FCSH-UNL e Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril — Departamento de Ciências Sociais e Humanas (Portugal)

## RESUMO

A presente comunicação pretende sensibilizar, mediante um estudo de caso, para a importância que o património literário e fotográfico de um autor detém na valorização de uma localidade.

A vida e a obra de Branquinho da Fonseca (1905-1974), licenciado em Direito, escritor e presencista, ficaram marcadas pelos locais onde viveu. Marvão, onde esteve entre abril de 1935 e dezembro de 1936, como Conservador do Registo Civil, serviu de espaço de inspiração para um conjunto de fotografias e de um conto: ‘O Conspirador’, inserido na coletânea *Caminhos Magnéticos*, publicada em 1938. A sua leitura permitiu a criação de um itinerário. Seguindo a orientação com que o escritor norteou toda a sua vida, não se pretende ‘cristalizar’ o passado visto que “o que é preciso é que a literatura se entregue à vida” (Fonseca, 1973, p.342) e, por isso, a obra literária e os espaços que a habitam são reinterpretados através do olhar fotográfico e atual do seu neto, Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Património; Identidade cultural; Branquinho da Fonseca; Marvão.

## TRAVELLING WITH BRANQUINHO DA FONSECA: THE LITERARY AND PHOTOGRAPHIC WORK AS HERITAGE RESOURCE PROMOTING THE VALORISATION OF A PLACE

## ABSTRACT

This essay is intended to sensitize, through a case study, the importance that the literary and photographic heritage of an author has in the appreciation of a local town.

The life and work of Branquinho da Fonseca (1905-1974), graduated in Law, writer and “presencista”, were marked by the several places where he lived. Marvão, where he lived between April 1935 and December 1936, as custodian of the Civil Registration, served as space of inspiration for a block of photographs and a novel: ‘O Conspirador’, placed in the selection *Caminhos Magnéticos*, published in 1938. His reading allowed the designing of an itinerary. Following the orientation which guided the whole life of the writer, we don’t intend to ‘crystallize’ the past, because “what is needed is that literature delivers itself to life” — “o que é preciso é que a literatura se entregue à vida” (Fonseca, 1973, p.342) and for that, the literary work and the places that it inhabit should be reinterpreted through the actual and photographic eye of his grand son, Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira.

KEYWORDS: Culture; Heritage, cultural identity; Branquinho da Fonseca; Marvão.

## INTRODUÇÃO

**“[...] impressionou-me agradavelmente encontrar Marvão a percorrer o país dentro d’um livro de belos contos.” (Palha, 1938)**

**“conservar, em matéria de desenvolvimento, não é matar o património, esterilizando-o, [...]. É ajudar a tornar vivo o património no seio da própria comunidade a que pertence.” (Varine, 2012, p. 120)**

O reconhecimento do papel da literatura na diversificação de recursos, promoção, valorização e dinamização de um local, mediante a criação de itinerários, encontra-se amplamente fundamentado, quer na bibliografia nacional e internacional, quer nos documentos emanados pelas entidades institucionais. A utilização do património literário e fotográfico, como ‘guia’ no ato de viajar, permite articular o lugar existente, a invenção do lugar e o lugar reinventado, facultando um ‘outro olhar’ sobre um território num percurso bi-unívoco que pode partir da obra para o local ou vice-versa. Trata-se de uma visão caleidoscópica, em que está subentendida a apropriação do conceito de património alargado e integrado tal como o define Santos (2002, p.118), como a “relação do homem com o meio, ou seja, o real, na sua totalidade: material, imaterial, natural e cultural, em suas dimensões de tempo e espaço”. Alia-se uma multiplicidade patrimonial que nos permite (re)descobrir os locais, imergir noutras épocas, descobrindo paisagens, personagens, memórias e tradições locais. Ao contribuir para perpetuar e divulgar os “lugares de memória” (Nora, 1984) literária e fotográfica, valoriza-se a identidade cultural de um local mediante a diversificação da utilização do património no seu todo. Porquanto estes ‘lugares de memória’ são, igualmente, lugares de vida, multiplicam-se os motivos de visita, atraindo viajantes com motivações distintas, contribuindo para a redução da sazonalidade.

A viagem literária permite que o interesse pelo património não se esgote em si mesmo, antes se articule com as pessoas que com ele convivem, e conviveram, no seu quotidiano. Sublinhe-se a importância da relação entre o ‘nós’ e o ‘outro’ de um viajante interessado em alternativas que, conjugadas, formem um todo permitindo-lhes contactar com a realidade, minimizando os inevitáveis artificialismos. Está apto para perceber o ‘local’ na sua autenticidade — possível — limitando “os impactes negativos que possam prejudicar o património e os modos de vida das comunidades de acolhimento (ICOMOS, 1999, Princípio 2, 2.2).

A leitura deste conto e as fotografias permitem viajar num tempo que ainda hoje está muito presente naquela localidade do Alto Alentejo.

## 1. OBJECTIVOS E METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

### 1.1. Objectivos

O presente artigo tem como objectivo principal demonstrar a importância da obra literária e da fotografia, com a vantagem de serem da mesma autoria, para a (re)descoberta e valorização de Marvão.

Foram definidos os seguintes objectivos específicos:

- (Re)interpretar a vila de Marvão pelo olhar de Branquinho da Fonseca;
- Conceber um itinerário literário — fotográfico que permita acompanhar o conto, complementado com uma abordagem contemporânea do espaço, mediante o olhar fotográfico do neto do autor;
- Percorrer o caminho dos personagens, aprofundando uma temática e memórias locais, contribuindo, igualmente, para aproximar os usufruidores quer do autor, quer da obra;
- Relacionar hábitos, modos de vida, heranças, memórias dos anos 1920/1930 com uma leitura contemporânea;
- Fomentar projectos transfronteiriços;

## 1.2. Metodologia

A investigação empreendida enquadra-se no chamado ‘estudo de caso’ que deve ser usado quando se pretende compreender contextos com algum grau de complexidade, onde estejam envolvidos diversos fatores e atores. É também um ‘estudo de caso’ devido à impossibilidade de exercermos controle direto sobre os acontecimentos, o que nos possibilitou o cruzamento do trabalho de campo com questões teóricas ligadas ao turismo. A metodologia utilizada, num trabalho de campo que ainda está em processo de desenvolvimento, implicou uma abordagem, sobretudo, qualitativa e incluiu várias etapas que passamos a descrever:

- Leitura do conto ‘O Conspirador’ inserido na colectânea *Caminhos Magnéticos*, publicada em 1938, fazendo um levantamento exaustivo de todos os elementos que nos permitiram caracterizar Marvão, posteriormente catalogados tematicamente. Esta categorização foi elaborada mediante a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1988), para fazer uma análise frequencial categorial — temática, definindo-se categorias temáticas, unidades de registo e de contexto. As categorias temáticas sujeitaram-se às seguintes características: serem homogéneas — daqui advém a característica de exclusão mútua —; válidas, pertinentes — adaptadas ao material de análise —; exaustivas — esgotar o assunto-; produtivas — devem fornecer resultados ricos —, objectivas; o que nos conduz a categorias mutuamente exclusivas — o mesmo conteúdo não pode estar em categorias diferentes —, válidas para responder ao nosso problema (Bardin, 1988, p.120).
- levantamento de todas as fontes, primárias e secundárias, existentes no Arquivo Histórico Municipal de Cascais, onde se encontra o espólio do escritor, para perceber quer a sua relação com Marvão, quer a dimensão e a profundidade da investigação e dos trabalhos preparatórios do conto.
- levantamento de fotografias de época, da autoria de Branquinho da Fonseca, que complementem a visualização do texto e que possam acompanhar o itinerário;

- Leitura de bibliografia complementar que permita uma maior apreensão da evolução da localidade para melhor podermos contextualizar a obra;
- Leituras sobre a dimensão teórico-prática dos itinerários;
- Foram feitas, e vão continuar a ser, várias visitas ao local:
  - as primeiras, em que contactámos directamente com o Presidente da Câmara, responsável pelo pelouro do Turismo e Cultura, destinaram-se a perceber a dinâmica autárquica e a utilidade de um projecto deste género;
  - tendo como objetivo sondar e levantar a informação existente, recorrendo a fontes escritas e orais;
  - para delinear um itinerário pelos diferentes patrimónios que compõem esta localidade e que o autor aborda na sua obra;
  - que se destinaram a analisar a exequibilidade do itinerário delineado, e a fotografar a localidade em estudo como espaço de vida do séc. XXI, reinterpretada pelo olhar fotográfico e atual, eivado de memórias, afetos e vivências do neto do autor.

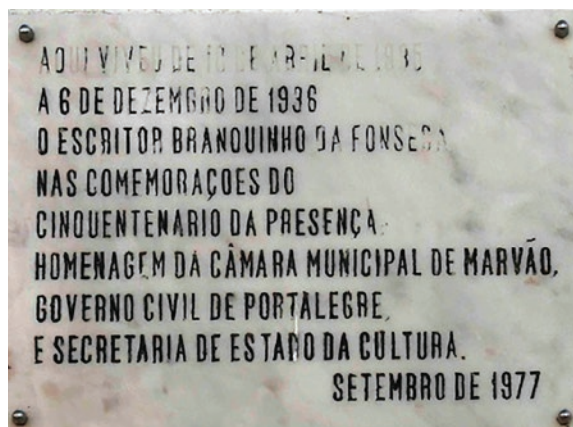
## 2. A LITERATURA E A FOTOGRAFIA DE ANTÓNIO JOSÉ BRANQUINHO DA FONSECA NA (RE)DESCOBERTA PATRIMONIAL DE MARVÃO

### 2.1 O autor: breve contextualização

António José Branquinho da Fonseca, licenciado em Direito, escritor e presencista, foi Conservador do Registo Civil de Marvão, aí vivendo entre abril de 1935 e dezembro de 1936, como o atesta a placa colocada quarenta e dois anos depois. Em 1977, foi organizada, em Portalegre, uma exposição evocativa do cinquentenário da revista *Presença*<sup>1</sup> — decorridos entre Março de 1927 e Março de 1977 — por David Mourão-Ferreira, na altura secretário de Estado da Cultura e pelo Governo Civil daquela cidade. Foram descerradas lápides nas casas onde habitaram alguns presencistas: Francisco Bugalho em Castelo de Vide, Mário Saa no Ervedal — Avis — e Branquinho da Fonseca em Marvão<sup>2</sup>.

1 Revista *Presença*, *folha de arte e crítica*, fundada, em Coimbra, por José Régio, Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões. A revista defendia uma literatura viva, livre, crítica e criativa, e irá durar até 1940, com mudanças na direção e nos colaboradores, tendo saído 54 números. Muitos colaboradores deixaram a sua marca na *Presença*: Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, Adolfo Casais Monteiro, Carlos Queiroz, Edmundo de Bettencourt (que lhe deu o nome), José Bacelar, José Marinho, Alberto de Serpa, Mário Saa, Francisco Bugalho, Luís de Montalvor ...

2 Ver notícia em jornais como: Diário de Lisboa, p.4; Diário de Notícias, p.2; Jornal de Notícias, p.7; A Luta, p.17, todos datados de 22-9-1977



Branquinho da Fonseca, s/d, colecção particular.

Ora, é precisamente Marvão dos anos 20/30 que contextualizará o conto ‘O Conspirador’<sup>3</sup>, inserido na colectânea *Caminhos Magnéticos*, publicado em 1938,<sup>4</sup> que nos acompanhará nesta viagem, reinterpretado pelo ‘olhar’ do séc. XXI.

O tema da viagem, recorrente nas obras de Branquinho da Fonseca é, neste conto, associado à fuga, constante, das autoridades policiais por motivos políticos. Para Branquinho “viajar, no plano da realidade ou apenas no da imaginação, é sempre uma atitude alicerçada na vontade de alterar as condições de vida, e consequentemente, de melhorar a própria vida.” (Ferreira, 2004, p.202). É, igualmente, a atitude de quem pretender ‘ver’ e dominar o mundo e não quer perder, nunca, o horizonte como visão última.

## 2.2 O conto ‘O Conspirador’

**“Mas com que agrado os olhos se alargam pela paisagem, tão bem descrita, que se descortina do alto de Marvão, ‘ninho de milhafres que só as águias passam na altura dos seus voos”! A pintura do artista tem garra, personalidade — a mim, que conheço Marvão, encheram-me, os outros, que não o conhecem, devem tê-lo antevisto naquelas belas páginas.” (J.N., 1938)**

**“Toda a riqueza do poeta [...] aqui está neste bloco de poderosa realidade: o idílio de Marvão, a vida do lugarejo remoto, as travessias da fronteira, as cenas de Espanha, o exílio final. E que técnica! Que maestria! Que segurança! (Ribeiro do Couto, 1938)**

<sup>3</sup> Dedicado a Edmundo de Bettencourt.

<sup>4</sup> Nesta altura já Branquinho da Fonseca era Conservador do Registo Civil na Nazaré.



O conto ‘O Conspirador’, que ocupa apenas 33 páginas, não se enquadra na chamada literatura de viagens mas é um conto que permite viajar, mediante a experiência vivida, mediante o contato do escritor com o local. O ambiente transmitido permite recuperar e (re)construir uma memória do espaço e tempo, possibilitando uma reconstrução do passado, dos hábitos, história(s), testemunhos e quotidiano de um lugar. Permite caracterizar a identidade cultural de Marvão e das suas gentes, registando o património construído, ambiental e imaterial. Utilizamos esta distinção material/imaterial por comodidade linguística tendo, porém, consciência de que não passa de um artificialismo, visto que “toda e qualquer imaterialidade acaba sempre por ser uma materialidade (sem uma iconicidade a oralidade, a gestualidade, os factos, as ações, as emoções ou os sentimentos seriam impossíveis de detetar como fenómenos, e portanto como Património). E toda e qualquer materialidade tem sempre imbricada uma imaterialidade” (Cardoso, 2014, p.2).

O protagonista, Paulo de Mascarenhas e Albuquerque, jornalista, conspirador revolucionário, para quem a capital significa detenção, e o campo lhe permite a clarividência para traçar o futuro, viaja de noite e vai refugiar-se, em Marvão, na casa dos avós do seu amigo Eduardo. Ao refúgio corresponde a “paz da vilória morta, onde não chegavam bulícios do mundo, onde não havia jornais nem notícias de nada” (p. 489) mas, igualmente, a solidão que o longo isolamento pode propiciar. “Paulo só conhecia as solidões modernas: o quarto de aluguer e a multidão das cidades no meio da qual se anda tão só que nos sentimos longe de nós próprios. Mas essa não é a verdadeira solidão. A verdadeira é no alto de uma montanha. Porque é indispensável a continuidade que aumenta a tensão até ao limite da resistência. É aí que começa a claridade.” (p. 490) Esta solidão levou-o a uma reflexão aprofundada sobre os passos a seguir, começando “a olhar a vida e as ideias sob uma luz nova” (p. 490). A presença e, mais tarde, a companhia de Maria Ricarda, “alta e elegante, bonita, de grandes olhos luminosos” (p. 487), ajuda a quebrar o isolamento e permite ter alguém com quem conversar, visto que “o excesso de solidão escangalha-me os nervos” (p.492).

Paulo, depois de ter permanecido em Marvão, é obrigado a fugir para Espanha, por causa da perseguição policial, com ordens do governo militar para prender os responsáveis pela “miserável rebelião dum bando de criminosos da mais baixa espécie.” (p. 476). Como se encontra numa terra de viagens de contrabando<sup>5</sup>, motivadas por necessidades económicas, aproveita as ancestrais estratégias de fuga para ‘dar o salto’, com a ajuda do Falcoeiro. Homem experiente que “conhecia a região como os cantos da própria casinhota onde vivia. Desde os 7 anos que andava neste vaivém de passa fronteira, carregado de café e de galinhas, na ida para Espanha, ajoujado de alparcatas e sedas, na volta” (p.501), protegido pela Senhora da Estrela. É este homem que, ultrapassando todos os obstáculos, o conduz, pela calada da noite, são e salvo, a Valência de Alcântara e o traz, também clandestinamente, para os encontros com a sua “doce apaixonada” (p. 501).

A incerteza, quanto ao futuro, obriga-o a uma aventura incessante e a permanentes viagens que o levam a Marselha, Timor e a Nagazaky que, se por um lado são libertadoras, por outro, o fazem sentir agrilhoado: “Livre! E a fugir! Que paradoxo.” (p. 506).

O conto termina com um sinal de esperança e de resistência: “Caminhar sempre!” (p. 506)

5 Existe o “Percurso Internacional do Contrabando do Café”, numa extensão de 10,4 km, devidamente marcado dos dois lados da fronteira, que pretende homenagear os antigos contrabandistas da raia. Resulta de um Acordo de Cooperação Conjunta celebrado entre Marvão e Valência de Alcântara, com a colaboração do Parque Natural da Serra de S. Mamede e da Junta de Freguesia de Santa Maria de Marvão.

Relativamente aos personagens e aos factos que povoam a obra, alia-se a ficção à realidade. Muitos existiram, como o comprova uma carta, existente no Arquivo Histórico Municipal de Cascais, que José Martins Palha envia a 15-4-1938 a Branquinho da Fonseca: “[...] O João Semana nº2 é que está mascarado em demasia e o meu amigo pôs-lhe virtudes que ele infelizmente não possui... O Jana, o cauteleiro, o Luiz Pinto, são retratos felizes e perfeitos; tem as cores devidas e uma visão flagrante da realidade” (Palha,1938, p.2 e 3). O quotidiano, em que pululam contrabandistas, é também marcado, naquela época do ano, pelas procissões da Semana Santa, que ainda hoje existem, e que na época tinham uma enorme relevância, como evidencia José Martins Palha: “E o livro, nesta época do ano, [abril] aqui em Marvão, tem ainda outra circunstância a prender a nossa atenção: as procissões de noite e de dia; ainda há pouco foi a última, tal como lá vem magistralmente pintada.” (Palha,1938, p.3).

O conteúdo do livro permitiu-nos criar as seguintes categorias temáticas às quais associámos a existência, ou não, de fotografias tiradas entre 1935-36, por Branquinho da Fonseca e que, de certo modo, podem servir para ‘ilustrar’ o conto :

Categorias	Categorias	Fotografias do autor
<b>Património construído</b>	Habitações	Sim
	Igrejas	Sim
	Prisão	Sim
	Castelo	Sim
	Muralhas	Sim
	Parada	Sim
	Pelourinho	Sim
	Ruas — traçado, estado e inclinação	Sim
	Toponímia	Não
	Sociedade Filantrópica e Recreativa	Não
	Palácio da Guarda Republicana	Não
	Prisão — em sentido real Prisão — em sentido figurado	Sim
<b>Património Natural</b>	Paisagem/vegetação	Sim
	Espécies animais	Sim
	Rio	Sim
<b>Património Imaterial</b>	Procissão Semana Santa	Não
	Sons (procissão, badaladas das Ave-Marias; pregões)	Não
	Contrabando	Não
	Tourada	
<b>Condições atmosféricas</b>	vento, nuvens...	Não
<b>Personalidades</b>	Mouzinho da Silveira, p.ex.	Não
<b>Habitantes</b>	‘arraia miúda’	
	‘ilustrados’	
	médico	
	‘loucos’	
	funcionários da repartição	
	contrabandistas	

A análise da tabela permite-nos apreender a diversidade patrimonial descrita, sendo representativa da identidade marvanense, nas suas qualidades objectivas e subjetivas, com a mais valia de poder ser acompanhado pelas fotografias da época, que veiculam o olhar do autor do texto.

Marvão é caracterizado como isolada do mundo: “este castelo e esta gente não existem para o resto do mundo, nem o resto do mundo para eles”, (p.489) protegida por muralhas que a mantêm num tempo antigo: “A muralha protege a povoação em toda a volta, para não deixar sair nem entrar nada. Não deixar entrar a civilização nem sair o ar estranho e primitivo do velho burgo” (p.482). Localidade deserta, abandonada, envelhecida e pobre onde “era raro ver-se alguém nas ruas” (p.483) e nas zonas completamente desabitadas, proliferam os cães famintos “humildes e medrosos, [que] são os raros seres vivos que vagueiam pelas ruas e pelos largos abandonados” (p.483).

Alguns dos monumentos acompanham este estado geral de abandono e ruína “no largo da Igreja do Espírito Santo lá encontravam [Paulo e Eduardo] sempre os três velhos sentados num socalco de pedra, ao lado do templo arruinado.” (p.483). A Igreja de Santa Maria, mais perto do castelo, também não foge à regra geral: “Numa dessas manhãs, [Paulo] voltando para casa, viu aberta a porta da Igreja de Santa Maria



e entrou. Estava deserta. Mais uma vez ia ver se alguma coisa por ali estaria ainda esquecida do pilhar dos bárbaros.” (p.487)

O burgo é composto por “um labirinto de escadinhas toscas e vielas íngremes. As habitações, muito caiadas, com buracos que são janelas e com portas medievais em ogiva, roídas dos séculos, estão umas a cavalo nas outras, no alto do monte, a olhar para Espanha.” (p.482) A ocupação do tempo varia consoante o sexo e o estatuto social: “As mulheres juntam-se nos recantos soalheiros e passam ali o dia, a costurar e a falar da vida dos outros. Os homens metem-se nas tabernas a jogar o finto: três cápsulas de bala de carabina em cima dum banco e eles no fundo da tasca a atirarem-lhes vinténs, com um certo jeito que faz ricochete. Estes são a arraia-miúda. Os outros cinco ou seis, reúnem-se na Sociedade Filantrópica e Recreativa, a jogar o burro.” (p. 483/484) Há também um louco que vive na prisão e outro que tem a mania que é filho do Mouzinho da Silveira.

Destaca-se, igualmente, o médico que trabalho de ‘sol a sol’, de uma forma desinteressada “como um apóstolo” (p.485). Restam os funcionários da repartição que cumprem o horário das onze às cinco e que nada os distingue dos funcionários de outras localidades.

Os contrabandistas são um caso à parte “são duma resistência de lobos e duma manha de raposas” (p.480). Andam sempre desaparecidos: “só se sabe de um contrabandista quando está na prisão” (p.486). Alguns dos percursos que fazem são descritos com alguma minuciosidade, estando sempre presentes as motivações económicas de uma zona raiana pobre.

Quanto aos outros habitantes “ [...] é gente como a das outras partes do mundo” (p.485).

A vila vive a sua época de glória na Páscoa: “Vai toda a gente da vila e muita que veio das aldeias. Mesmo os ateus. É uma festa como qualquer outra. Na Semana Santa as procissões sucedem-se sem descanso, de dia e de noite, todos os dias e todas as noites, por aquelas ruas estreitas e tortuosas. As igrejas estão cheias de luzes.” (p.495)

O que o escritor enaltece incessantemente, com grande deslumbramento, é a paisagem sempre pontuada por animais — note-se que Branquinho da Fonseca, enquanto viveu em Marvão, adoptou uma águia que tinha uma das asas partidas, tratando dela até ao seu completo restabelecimento — : “Lá para baixo contempla-se o mundo em mapa de relevo a belas cores: montes, rios, planícies, aldeias brancas, estradas, florestas. E as águias, vêem-se pelas costas, pairando em volta do despenhadeiro. Águias, corvos negros e luzidios, que têm ninhos nos buracos das pedras, milhafres, andorinhas, pardais, uma infinita fauna alada, vivendo e morrendo nas abas do grande penhasco. Lá em baixo os montes pretos com ribeiros luminosos como fios de vidro. Ao lado: vales verdes, dum verde vivo, fresco. Preto e verde. Por vezes as nuvens passam [...]. Então, sopra um vento que, rugindo pela muralha acima, as atira com violência para o céu, em jacto contínuo, como vapor duma caldeira. Mesmo nos dias sem bulir de aragem, atira-se um chapéu para fora da muralha ele volta atrás.” (p. 482)

Estes exemplos provam que, através da leitura do conto, o leitor/viajante consegue visualizar as cenas, as paisagens e as vivências descritas, podendo fazer um trajeto bi-unívoco entre os anos 30 e a actualidade. Através da vida dos contrabandistas descritos na obra é possível, ainda hoje, partilhar conhecimentos, valores, significados, perigos, constrangimentos com ex-contrabandistas que habitam em Marvão e nas aldeias em redor, por exemplo a Fontanheira, eternizados na obra. É possível, igualmente, fazer o percurso dos contrabandistas, descrito no livro, entre Marvão e Valência de Alcântara, do outro lado da fronteira.

O património, “DNA do território e da comunidade” (Varine, 2012, p.45), eternizado por Branquinho da Fonseca, permitiu-nos elaborar um itinerário abarcando quer a urbe quer a zona rural. O crescente aproveitamento da memória literária como elementos patrimoniais para a elaboração de itinerários temáticos tem sido estudado quer nacional (Quinteiro & Henriques, 2008, 2011, 2012; Sardo, 2008, 2009), quer internacionalmente (Tobelem, 2003; Busby & Shetliffe, 2013; Busby & Hambly 2000; Busby & Klug, 2001; Robinson & Andersen, 2004; Herbert, 2001; Butler, 1986, 2000; Robinson, 2002) na perspectiva de uma inovadora oferta que contribui para perpetuar e divulgar os “lugares de memória” (Nora, 1984) literária. Os ‘lugares de memória’ não são um destino como os outros, pois não existem por si próprios, mas sim filtrados por um olhar particular, de quem se lembra, lutando contra o esquecimento, de quem conhece, de quem investiga, de quem operacionaliza, e, por este motivo, podem ser mais facilmente ‘manipulados’ e, quiçá, ‘idolatrados’. A pedagogia de viagem, que lhe está inerente, deve ajudar a subtraí-los desta perigosa inevitabilidade conciliando o passado, mais nostálgico, com o presente, vivo e atuante, entendendo estes locais, outrossim, como ‘lugares de vida’. Ora é esta ideia de ‘lugares de memória’ como ‘lugares de vida’ que pretendemos perpetuar com a associação entre as duas gerações — avô e neto — para uma leitura atual do espaço eternizado na obra, entre milhares de outras possibilidades que serão, permanentemente, (re)construídas pelo visitante tornando cada visita única e irrepetível, nesta apropriação de uma imagem e de uma identidade cultural. Relativamente à comunidade de acolhimento, pode ser mais uma hipótese de fomentar a mobilização em relação ao património e aos seus valores, sendo mais uma ferramenta de consolidação de uma construção identitária, isto é, de uma unidade cultural da terra onde habita.

### 2.3 Fotografias de Marvão

**“Tout ce qui fait la richesse de la vie, et par conséquent de l’histoire, est enrichi par la photographie, inégalable expression de l’individu, du visage, du portrait, expression de la ville comme du paysage, image qui montre toute la richesse du simple acte de voir, texte visuel qui exprime la plénitude de l’humanisme.” (Le Goff, 1995,p.44)**

Ao fotografar, Branquinho da Fonseca, fazia-o por gosto pessoal pois era mais uma das ‘artes’ a que se dedicava. Já em Coimbra, nos tempos de estudante, fez ‘fotos de horror, mistério e fantástico’ que publicou na revista *Presença*. A coleção de fotografias, que produziu em Marvão, são um excelente meio de observação e de registo do património daquela localidade nos anos 30, preservando a imagem do que podia desaparecer ou degradar-se com o tempo ou pelos ‘predadores’ do património. Como podemos ver pela tabela supra, o património construído e natural era uma das preferências do ‘fotógrafo’. Para ele, a fotografia era o corolário de um processo de registo, direto que, pensamos, foi uma excelente ajuda para as descrições que incluiu neste conto escrito quando já vivia na Nazaré.

A fotografia adquire um papel documental e histórico de extrema importância, que, ainda hoje, é aceite como inquestionável. Do núcleo de 34 fotografias constantes do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Cascais destacámos as 8, que inserimos no itinerário, declinadas em três grupos:

- quatro declaradamente refletindo a estrutura militar defensiva;

- três descrevendo aspectos da urbe;
- uma conciliando Igreja e Fortaleza — Oratores e Bellatores medievais;

**Grupo militar defensivo:** (os números das figuras correspondem às do itinerário)

Fig. 2 — A entrada em cotovelo, perfeitamente interpretada nesta imagem, testemunha o princípio defensivo árabe, sem descurar o natural estado de degradação da muralha. Não há saudosismo ou recriminação, antes o constatar da natural erosão do tempo, num singular jogo de contrastes claro-escuros que a luz do entardecer proporciona;

Fig.10 — A vista da paisagem que circunda Marvão, observada a partir do pano de muralha balizado pelos dois cubelos que demarcam a moldura inferior da imagem, estabelece um paralelismo perfeito entre a muralha e o relevo da paisagem que se desenvolve no horizonte que, apesar da superior altitude de Marvão, discorre em plano quase paralelo, aspecto muito bem explorado por Branquinho da Fonseca.

Fig. 15 — O delineado e complexo caminho de ronda, numa vista de baixo para cima, em linha oblíqua, esclarece a forma como a muralha, em cima, se desenrola para a direita, acompanhando o relevo acentuado. Uma visão directa, analítica, desta estrutura defensiva.

Fig. 19 — Aproveitando uma vista cavaleira, mimetiza a posição de ninho de águia do castelo de Marvão, composição bem equilibrada, com um primeiro plano do adarve e da sua sinuosa estrutura defensiva, continuada, no horizonte próximo, pela sinuosidade da estrada longínqua.

### Aspectos da urbe

Fig. 6 — “Retrato” duplo, o arco em ogiva que liga as duas casas por cima da rua e a figura feminina, à direita, displicentemente encostada à parede branca da casa. Uma aragem afaga o vestido leve de verão. Ligeiramente desfocada, talvez propositadamente.

Fig. 13 — Na vista de rua, Branquinho da Fonseca aproveita o seu natural afunilamento e descida, para jogar com os contrastes duros do sol alentejano que os telhados e muros proporcionam, enquanto o olhar repousa, mais ao longe, na planície fundeira que se espraia.

Fig. 18 — A composição, que inclui Igreja e castelo, escolhida por Branquinho da Fonseca, lida magistralmente com o relevo acentuado dos arruamentos de Marvão, patente na íngreme e escalonada rua que sobe, vagarosamente, em direção à igreja. Uma diagonal separa o espaço religioso e militar da zona urbana, laboradora.

### Igreja e Fortaleza

Fig.9 — Homem de Direito, Branquinho da Fonseca não podia descurar três importantes testemunhos do poder temporal real: pelourinho, prisão e câmara. O primeiro, eminentemente másculo, duro, aponta para a lei e para as suas consequências diretas. Estabelece uma hierarquia vertical do Poder: Câmara, em cima, prisão, à esquerda, pelourinho em baixo, junto ao espaço habitado, local de concentração populacional.

Branquinho da Fonseca, presencista, advoga uma leitura fotográfica longe do tardo-pictorialismo, e próxima da Nova Objectividade alemã. As suas fotografias não se enquadram no modelo salonista, antes testemunham o seu interesse pela povoação onde permanecerá algum tempo, permitindo-lhe conhecê-la e interpretá-la. Senhora

de uma morfologia muito particular, onde a história se entrelaça com a paisagem, será vista e compreendida por Branquinho da Fonseca na sua peculiaridade de espaço de defesa territorial, inexpugnável, e de urbe distante dos principais centros decisores e políticos. Branquinho da Fonseca testemunha o passado pela imagem, mas também o isolamento de Marvão. Não é uma leitura de um passado “glorioso” tão do apreço do Estado Novo, mas o testemunho de uma realidade especial, marcada pelo relevo, pela adaptação da urbe a essa dureza pétrea, aproveitando as condições lumínicas únicas do Alentejo interior. Expressa a fotogenia de Marvão, manancial inesgotável de motivos não pitorescos, no respeito de uma integridade visual e urbana únicas.

### 3. ITINERÁRIO EM MARVÃO

**“Este castelo e esta gente não existem para o resto do mundo, nem o resto do mundo para eles.” (p. 489)**



Fig. A — Mapa de Marvão — 1966  
Fonte: Pereira, C. (org), (1966) *Rotep*, nº109, Setembro

Iniciamos o itinerário, acompanhando Paulo e Eduardo que, vindos de Lisboa, e após cinco horas de viagem, chegam a **Marvão**: “Eduardo saiu estendendo as pernas e os braços dormentes da viagem longa: ‘Irra! Mas cá estamos... [...] com estas estradas, foi andar bem...’ ” (p. 478) Atualmente a mesma viagem, faz-se confortavelmente, por excelentes estradas, em cerca de duas horas.





Fig. 1 — Marvão — Luís Branquinho — 2014

Quando nos aproximamos e atravessamos uma estrada ladeada de árvores, somos, tal como os personagens do conto, imediatamente despertados pelo “monte de casas sobre um penhasco de pedra negra” (p. 477)

A grandiosidade da rocha granítica, a albergar a vila, desperta-nos a curiosidade e convida-nos a entrar...

“E o automóvel subiu a estrada em ziguezague, entrando pela porta aberta da muralha escura.” (p.47



Fig. 2 — Portas de Ródão — Branquinho da Fonseca — 1935/6 A.H.M.C



Fig. 3 — Portas de Ródão — Luís Branquinho — 2014

Tal como Eduardo e Paulo, entramos pelas **Portas de Ródão**:

“O primeiro arco dá para um pequeno recinto cercado de parapeitos e seteiras e o segundo é ao lado e enviesado a atravancar a entrada. Os automóveis têm de parar para fazer uma manobra cautelosa” (p.477)



Logo à entrada e, na **Rua de Baixo**, situa-se o Posto de Turismo.



Fig. 4 — Rua de Cima — Luís Branquinho — 2014

Seguimos pela **Rua de Cima** onde começamos a admirar “As ruas muito estreitas e torcidas, calcetadas com pedregulhos irregulares, emaranham-se todas umas nas outras, em esquinas e ângulos imprevistos.” (p. 482)

Continuando pela Rua de Cima e, na confluência da **Rua do Espírito Santo**, com a **Rua das Portas da Vila** e **Rua do Relógio**, encontramos os **Antigos Paços do Concelho**, que tem adossada a **Torre do Relógio**. Os Paços do Concelho, tal como a cadeia e o tribunal abandonaram este local em 1956. No tribunal, exerceu funções, Mouzinho da Silveira, (Castelo de Vide — 1780/Lisboa, 1849), como juiz de fora, razão pela qual se pode visitar uma exposição permanente sobre a vida e obra deste liberal.

No rés-do-chão, funcionou a **prisão** masculina e no primeiro andar existiu a prisão feminina.

Ainda hoje o podemos observar subindo pela **Travessa da Cadeia** e entrando na porta à esquerda, que dá acesso ao Arquivo Histórico Municipal.



Fig. 5 — antiga cadeia — L. Branquinho — 2014



Branquinho da Fonseca dá-nos o testemunho da utilização deste espaço:



Fig. 6 — antiga cadeia — Branquinho da Fonseca — 1935/6 A.H.M.C



Fig. 7 — antiga cadeia — L. Branquinho — 2014

“Há mais dois loucos [para além do Jana]. O senhor Luís Pinto, de 80 anos, direito, forte e corado, bem vestido, com o seu grande chapéu de sol sempre aberto. o outro é o Manuel Maluco. [...] Tem andado a fazer um buraco na parede, que já tem dois metros de fundura. As pedras são todas atiradas cá para fora, para o Largo da Câmara.” (p. 484) .

Podemos visitar, em seguida, a **Torre do Relógio**, mas apenas o r/c. “tudo em volta dormia. Só as corujas resfolegavam nas torres arruinadas das três igrejas e o relógio da Câmara alarmava o silêncio do mundo, batendo o sino das horas, repetindo...” (p. 503). E era de grande utilidade para os contrabandistas:

“Chegavam [Paulo e o Falcoeiro] às portas da muralha da vila, quando o relógio da torre da Câmara bateu as duas horas.” (p. 502)



Fig. 8 — Torre do Relógio — L. Branquinho — 2014



Avançamos para a **Praça do Pelourinho**, encostamo-nos ao murete e: “Lá para baixo contempla-se o mundo em mapa de relevo a belas cores: montes, rios, planícies, aldeias brancas, estradas, florestas..” (p. 482)



Fig. 9 — Praça do Pelourinho Branquinho da Fonseca — 1935/6 A.H.M.C

Paisagem que nos acompanhará ao longo do percurso nas muralhas.





Fig. 10 — Branquinho da Fonseca — 1935/6 A.H.M.C



Fig. 11 — L. Branquinho — 2014

A partir deste local, temos duas hipóteses: ou subimos a **Rua do Espírito Santo**, ou descemos a **Rua das Portas da Vila**.

Se subirmos a **Rua do Espírito Santo**, no largo com o mesmo nome, iremos encontrar a **Igreja do Espírito Santo**





Fig. 12 — L. Branquinho — 2014

“Vagabundeavam [Paulo e Eduardo] pelas ruas desertas e no largo da Igreja do Espírito Santo lá encontravam sempre os três velhos sentados num socalco de pedra, ao lado do templo arruinado.” (p. 483)





Fig. 13 — Branquinho da Fonseca — 1935/6 A.H.M.C



Fig. 14— L. Branquinho — 2014

Subimos a **Travessa do Espírito Santo** e, se virarmos à esquerda, seguimos por uma ruela cuja configuração e revestimento se encontra próximo da descrição feita pelo autor do conto:

“As ruas muito estreitas e torcidas, calcetadas com pedregulhos irregulares” (p.482), vamos ter ao **Castelo**:

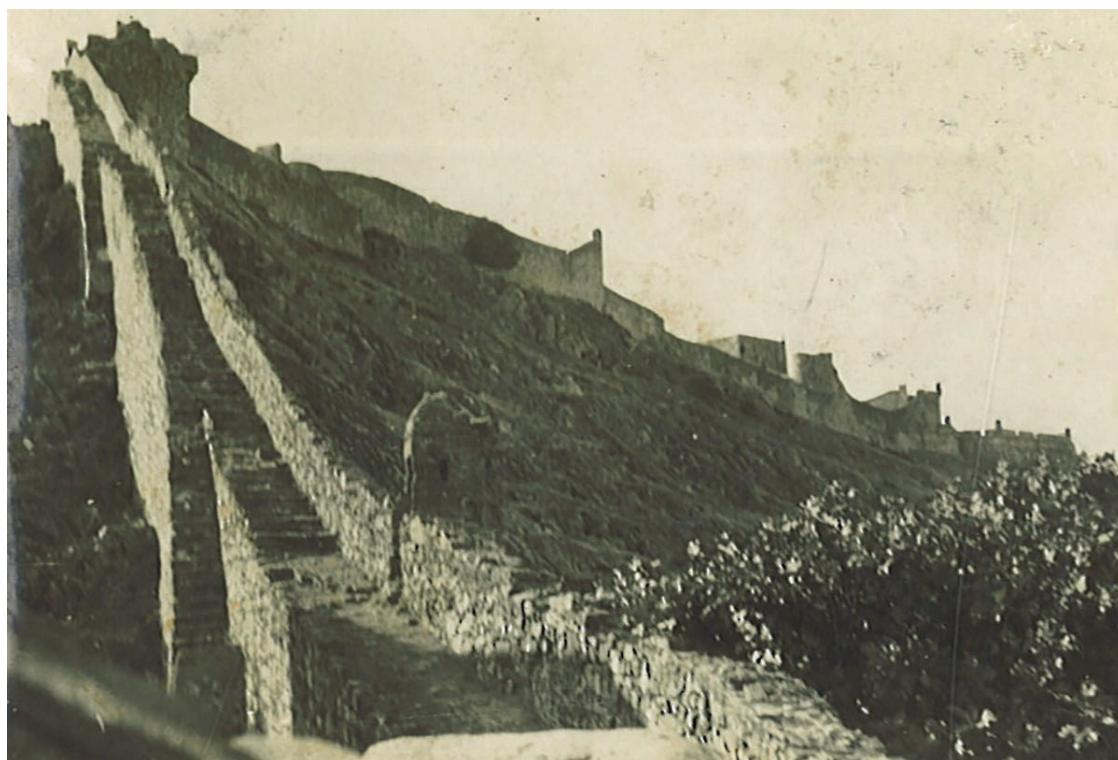


Fig. 15 — Branquinho da Fonseca — 1935/36 A.H.M.C.





Fig. 16 — L. Branquinho — 2014

“[...] Todas as manhãs e todas as tardes Paulo ia para o castelo ler. “ (p. 487).



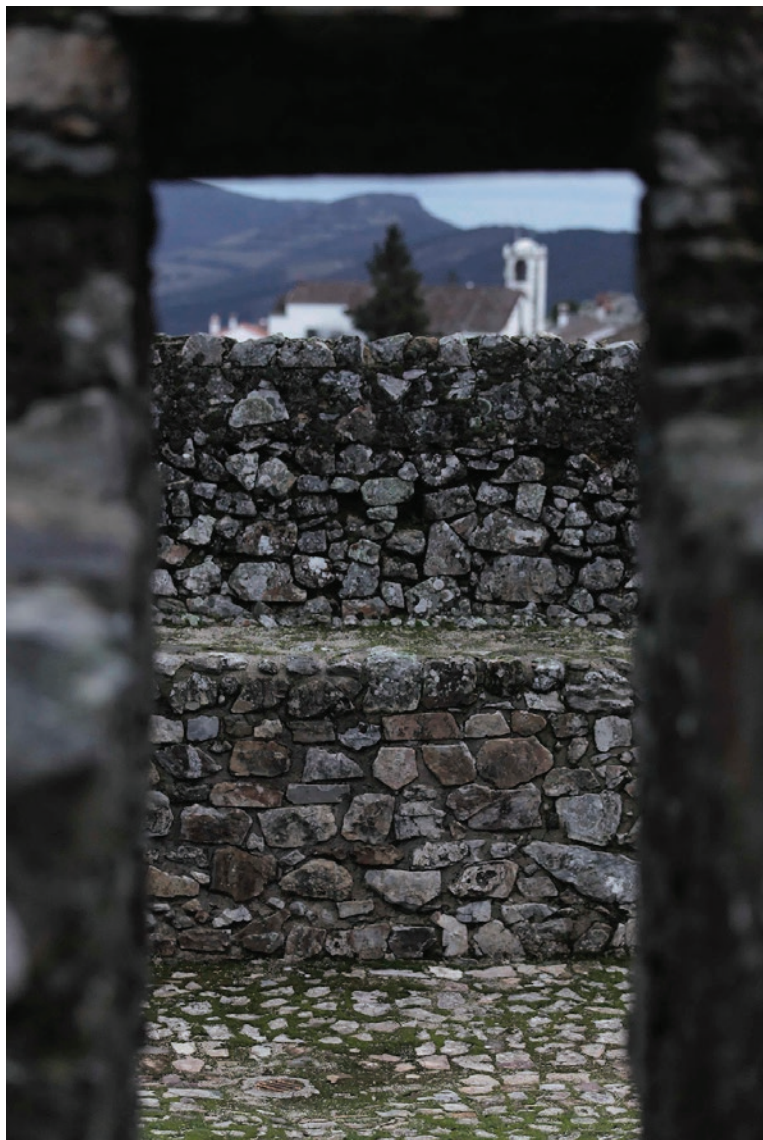


Fig. 17 e 17a — L. Branquinho — 2014



Fig. 18 — Branquinho da Fonseca — 1935/6 A.H.M.C.



“[...] Paulo vagabundeava pelas ruínas do castelo, pisando o belo tapete de relva, entre os restos das muralhas e torres aveludadas de verde musgo. Alongando o passeio, subiu a escada arruinada que trepava a um bastião. (p. 491)”



Fig. 19 — Branquinho da Fonseca — 1935/6 A.H.M.C.





Fig. 20 — L. Branquinho — 2014

“Por vezes as nuvens passam rápidas e encostadas aos telhados. Mas de repente abrem-se e vê-se que por cima estão outras com uma luz deslumbrante.”(p. 482)

## REFLEXÕES FINAIS

Os escritores e as suas obras podem ser óptimos guias de descoberta das localidades, quer para os visitantes, quer para a comunidade de acolhimento. Habitando em Marvão — 1935-36 —, por motivos profissionais, Branquinho da Fonseca imortalizou esta localidade e os seus arredores no conto em estudo e num conjunto de fotografias, da sua autoria. Partindo deste rico espólio e, mediante o cruzamento do texto e imagem, fez-se uma caracterização de Marvão nos anos 30 abarcando o património construído, natural e imaterial.

O retrato, que daqui resulta, não é o de uma natureza paradisíaca, idílica ou de um escritor acomodado aos prazeres da vida na província. É o de um olhar crítico, incisivo, descritivo, com um pendor humorista/satírico na caracterização de alguns personagens — tipo, de um escritor que, vindo de Coimbra, conheceu profundamente e compreendeu a terra onde viveu.

Apesar das transformações que o passar do tempo inculca nos lugares, nos seus hábitos, paisagens e arquitectura, verifica-se, neste caso, alguma imutabilidade como testemunham as fotografias tiradas pelo seu neto, fazendo o percurso do livro, em 2014, 76 anos depois da obra ter sido publicada. O itinerário delineado é, por nós, entendido como um processo ‘aberto’, com grande grau de autonomia na forma como é percebido e usufruído, permitindo ser (re)criado pelos seus utilizadores. Consideramos que este trabalho deve ser encarado, sempre, numa perspetiva de passado–presente, em que a obra ficcional nos ajuda a compreender e interpretar melhor o espaço, tendo-se conseguido fazer um ajustamento ficcional entre os lugares narrados e o que existe na realidade, a sua identidade e memória, contribuindo para a diversidade e aprofundamento da experiência. Valoriza-se não apenas a obra e o património da localidade mas também se humaniza o escritor que, deste modo, sairá do quase anonimato a que uma placa em mármore, afixada na casa onde ele viveu, o tinha remetido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aboim, J.P. (2013). *Marques Abreu: a fotografia e a edição fotográfica na defesa do património cultural*. Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
- Bardin, L. (1988). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Eds. 70 (ed. França 1977 — PUF).
- Busby, G. & Hambly, Z. (2000). Literary Tourism and the Daphne du Maurier Festival, in Payton, P. (Ed.) *Cornish Studies Eight*, University of Exeter Presse, Exeter, pp. 197-212
- Busby, G. & Klug, J. (2001). Movie-induced tourism: The challenges of measurement and other issues, *Journal of Vacation Marketing*, 7 (4), pp. 316-332
- Busby, G. & Shetliffe, E. (2013). Literary Tourism in Context: Byron and Newstead Abbey, *European Journal of Tourism, Hospitality and Recreation*, vol.IV, Issue 3, pp.5-45
- Butler, R. (2000). Literary Tourism. In *Encyclopedie of Tourism* (p. 360). London/Nova York: Routledge.
- Butler, R. (1986). Literature as an influence in shaping the image of tourist destinations. Marsh, J.S. (ed.) *Canadian Studies of Parks, Recreation and Tourism in Foreign Lands*, Canada: Departmente of Geography, Trent University
- Carta Internacional do Turismo Cultural (1999) — Gestão do turismo nos sítios com Significado Patrimonial — Adaptada pelo ICOMOS na 12ª Assembleia Geral no México.
- Couto, R. (1938). Carta a Branquinho da Fonseca. Manuscrito não publicado, AHMC/ABF/001/011/Cx.27 5-5-38.
- Ferreira, A.M.S. (2004). *Arte Maior: os contos de Branquinho da Fonseca*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda
- Fonseca, A. J. B. da. (1938/2010). O Conspirador in *Caminhos Magnéticos*. Obras Completas I, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda
- Frizot, M. (1994). *Nouvelle Histoire de la Photographie*, Paris, Bordas
- Henriques, C., & Quinteiro, S. (2012). Olhão Cidade de Turismo Literário: uma Realidade Longínqua? In *Revista Turismo e Desenvolvimento* (nº 17/18, pp. 1583-1596). Aveiro: Associação de Gestão e Planeamento em Turismo da Universidade de Aveiro.
- Henriques, C., & Quinteiro, S. (2011). O Turismo Literário. Olhão sob a perspectiva de João Lúcio, In *Book of Proceedings* (vol. I, pp. 614-622). Algarve: Internacional Conference on Tourism & Management Studies, Special Edition.
- Henriques, C. (2008). Património Cultural e Turismo: Uma Relação Simbiótica. Análise de dois percursos turístico-culturais: James Joyce e Fernando Pessoa. In *Revista Turismo e Desenvolvimento* (nº 10, pp. 25-39). Aveiro: Associação de Gestão e Planeamento em Turismo da Universidade de Aveiro.
- Henriques, C., (2003),. *Turismo, Cidade e Cultura — Planeamento e Gestão Sustentável*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Le Goff, J. (1995). Mirages de l’histoire. La photographie est-elle une image pauvre? *La Recherche Photographique* nº 18, 44.
- Manuel — Cardoso, P.(2014). O que é a museologia e o património?, Lisboa, IGAC
- N, J. (1938, 21 maio). Caminhos Magnéticos. *Gazeta de Coimbra* v
- Nora, P. (1984). *Lex Lieux de Mémoire*. París: Gallimard.
- Palha, J.M (1938). Carta a Branquinho da Fonseca. Manuscrito não publicado, AHMC/ABF/001/009/Cx.27 15-4-38.
- Pereira, C. (org). 1966, Setembro, *Rotep — Roteiro Turístico e Económico de Portugal — Marvão* (nº137).
- Quinteiro, S., & Baleiro, R. (2014). Lit & Tour — Ensaio sobre Literatura e Turismo. V.N. Famalicão: Edições Húmus.
- Robinson, M., & Andersen, H.C., 2002,. Beyond and between the pages: Literature and tourism relationships. In Robinson, M., & Andersen, H.C. (eds.). *Literature and Tourism: Essays in the Reading and Writing on Tourism* (pp.39-79). London: Continuum.
- Robinson, M., & Andersen, H.C., 2004, *Literature and Tourism: Essays in the Reading and Writing on Tourism*, London: Thomas Learning.
- Santos, F., 2007, *Turismo: Mosaico de Sonhos — Incursões Sociológicas pela Cultura Turística*, Lisboa, Eds. Colibri
- Santos, F., 2010, Turismo e Transfigurações Culturais, in Santos, M.G. (org.) *Turismo Cultural, Territórios e Identidades*, Lisboa, Afrontamento, I. P. Leiria, p.39-62

- Santos, M.G. (org)., 2010,. *Turismo Cultural, Territórios e Identidades*, Lisboa, Afrontamento, I. P. Leiria
- Sardo, A. N., (2008). Turismo Literário: uma forma de valorização do património e das culturas locais. In *Revista Egítania Scientia* (2, pp.21-41). Guarda: Instituto Politécnico da Guarda.
- Sardo, A. N. (2009). Turismo Literário: a importância dos patrimónios e dos sítios literários para o desenvolvimento turístico regional. In Simões, J.
- Tobelem, J-M., 2003, Quand la mémoire littéraire se met en tourisme, *Cahiers Espaces — Tourisme de mémoire*, vol. 80, Décembre 2003, pp.109-111.
- Varine, H. (2012). *As raízes do futuro — o património ao serviço do desenvolvimento local*. Porto Alegre: Medianiz

#### WEBGRAFIA

- Herbert, D. (2001). Literary Places, Tourism and the Heritage of Experience. In *Annals of Tourism Research* (vol. 28-2, pp.312-333). Retirado de [www.tlu.ee/~kpata/uusmeedia/literaryplaces](http://www.tlu.ee/~kpata/uusmeedia/literaryplaces).

#### MARIA MOTA ALMEIDA

Investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Licenciada em História pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Mestre em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, com a dissertação “A realidade museal no concelho de Sintra: contributos para o seu estudo”.

Doutorada em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, com a tese intitulada “Um Museu-Biblioteca em Cascais: pioneirismo mediado pela função cultural e educativa”.

Tem trabalhos publicados na área da museologia, do património e turismo, nomeadamente a nível da divulgação. Colaborou com a Enciclopédia Verbo séc. XXI, onde publicou cento e cinquenta artigos sobre os concelhos portugueses.